

A TOTALIDADE DO SER PESSOA E A TRANSCENDÊNCIA À LUZ DA LOGOTERAPIA

THE TOTALITY OF THE BEING PERSON AND TRANSCENDENCE IN THE LIGHT OF THE LOGOTHERAPY

¹ Mariana de Albuquerque Seabra Veiga

RESUMO

O presente estudo foi desenvolvido à luz da abordagem da Logoterapia e Análise Existencial com o objetivo de demonstrar a totalidade da pessoa humana e sua necessidade de encontro do sentido da vida. Para alcançarmos nosso objetivo, realizamos um levantamento bibliográfico contemplando diversos autores, dentre eles, em especial, o próprio pai da Logoterapia, Viktor Emil Frankl. Os escritos de Izar Aparecida Xausa foram de crucial importância, já que ela foi a primeira psicóloga a apresentar a abordagem no Brasil, por meio do conhecimento do próprio Frankl. Também embasamos nossos estudos, em Ivo Stuard Pereira, que consegue expressar a autenticidade da teoria, por meio de um olhar filosófico inovador; além de outros renomados especialistas na temática. O levantamento demonstrou que as vertentes deterministas acabam por ser insuficientes e prejudiciais à forma de compreensão do homem sobre si mesmo e suas relações, inclusive na aplicação da psicoterapia como tratamento psicológico, pois se movimentam baseados em um olhar reduzido e fragmentado sobre o homem. A Logoterapia comprehende que a pessoa humana é biopsicospiritual e que sua realização se dá por meio da autotranscendência. A metodologia aqui adotada se caracteriza a partir da abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico, através da qual procuramos compreender os fenômenos que permeiam nosso objeto de estudo e aprofundar nossas percepções sobre o tema. Considerando a relevância da temática aqui exposta, não pretendemos esgotá-la, mas ampliar o conhecimento dos profissionais, proporcionando uma oportunidade de reflexão e abertura para a compreensão de tão rica contribuição, oferecida pela Logoterapia.

Palavras-chave: Autotranscendência. Fundamentos filosóficos e antropológicos. Logoterapia. Pessoa. Ser.

ABSTRACT

The present study was developed in light of the Logotherapy and Existential Analysis approach with the objective of demonstrating the totality of the human person and his need to find the

¹ Mestranda em Cognição Social pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP). Pós-graduada em Logoterapia pela Alvef/Logorio (ALVEF). Especialista em Logoterapia Clínica e Análise Existencial pela Alvef/Logorio (ALVEF). Bacharel em Psicologia pela Universidade Santa Úrsula (USU). Bacharel em Teologia pela Universidade Ítalo Brasileiro (UNIÍTALO).

E-mail: mariana.veiga.logo@gmail.com

meaning of life. In order to reach our objective, we carried out a bibliographic survey contemplating several authors, among them the father of Logotherapy, Viktor Emil Frankl. The writings of Izar Aparecida Xausa were of crucial importance, as she was the first psychologist to present the approach in Brazil, through the knowledge of Frankl himself. We also base our studies on Ivo Stuard Pereira, who manages to express the authenticity of the theory, through an innovative philosophical view, as well as other renowned experts on the subject. The survey showed that the deterministic aspects turn out to be insufficient and harmful to man's way of understanding himself and his relationships, including the application of psychotherapy as a psychological treatment, as they move based on a reduced and fragmented view of man. Logotherapy understands that the human person is biopsychospiritual and that its realization takes place through self-transcendence. The methodology adopted here is characterized from a qualitative approach, with a bibliographic character, through which we seek to understand the phenomena that permeate our object of study and deepen our perceptions on the subject. Considering the relevance of the theme exposed here, we do not intend to exhaust it, but to expand the knowledge of professionals in providing an opportunity for reflection and openness to the understanding such a rich contribution.

Keywords: Logotherapy. Person of. Philosophical and anthropological foundations. Self-transcendence. To be.

1 INTRODUÇÃO

As correntes histórico-filosóficas que percorreram os séculos XIX e XX, formaram os fundamentos para a construção da Psicologia e sua confirmação enquanto ciência, tendo em vista a necessidade de uma maior compreensão do homem enquanto pessoa humana. Em meio aos extremismos, percebe-se a necessidade de uma nova abordagem psicoterápica, que considere o homem em sua totalidade, e suas relações. A abordagem da Logoterapia e Análise existencial, surgiu por meio de Viktor Emil Frankl, mediante as dificuldades existenciais de sua época, quando grande número de jovens europeus, tendiam às práticas suicidas.

Fundamentando-se nos argumentos dos filósofos que o antecederam, defende a certeza de que o ser humano vive em busca de um sentido e que não pode ser considerado um ser fragmentado, em partes desconexas, nem tampouco, um complexo maquinário de impulsos do inconsciente.

A justificativa para esse estudo se evidencia na necessidade de que haja uma compreensão da pessoa humana em sua totalidade. Isso foi percebido a partir dos estudos de Frankl. Dessa forma, esperamos contribuir para a disseminação da Logoterapia no campo da Psicologia, tendo em vista a necessidade de uma abordagem que valorize integralmente o homem.

No que diz respeito aos referenciais teóricos que embasaram este trabalho, destacamos autores como o próprio Viktor E. Frankl (1969), Izar A. Xausa (2013), Ivo S. Pereira (2021), dentre outros e ressaltamos que, ao longo da revisão da literatura observamos um crescente número de estudos semelhantes realizados nos últimos cinco anos, fato que demonstra a relevância do nosso objeto de pesquisa. Assim, através da busca realizada na base *Scielo*, utilizando do termo “Logoterapia” entre os anos 2018 - 2022, localizamos nove artigos científicos relacionados diretamente ao tema aqui abordado. Diante do exposto, destacamos, especialmente, os trabalhos de Santos (2019) - que discorre acerca da percepção de acadêmicos a respeito da leitura da obra “*Em busca de sentido*”, de Viktor Frankl – e de Vieira Dias (2021), que aborda as contribuições que o conceito recebeu de diversas teorias psicológicas, inclusive, no que se refere ao novo modelo tripartite de sentido da vida.

Isto posto, nosso problema de pesquisa se estabeleceu a partir da seguinte indagação: De que maneira a psicologia sofreu influências dos movimentos prevalecentes nos séculos XIX e XX, considerando todo o fechamento filosófico gerador de uma compreensão reduzida da verdadeira estrutura humana e suas relações? Como hipótese inicial, esperamos demonstrar a importância da Logoterapia, por permitir a adesão de uma nova forma de psicoterapia, que valoriza a totalidade do *ser*, dando repostas para a dor e para o sofrimento da pessoa humana.

Nesse contexto, este estudo tem como objetivo geral demonstrar a estrutura humana como portadora de três dimensões: biológica, psíquica e noética e que, é por meio da autotranscendência que se chega ao encontro do sentido da vida. Para que possamos alcançar nosso objetivo geral, elencamos os seguintes objetivos específicos: conhecer o percurso histórico-filosófico que antecedeu e fundamentou a abordagem da Logoterapia; identificar a real contribuição dessa visão; levantar as fundamentações teóricas que comprovem as riquezas que a Logoterapia de Frankl nos permite conhecer.

Assim, esta pesquisa está estruturada em cinco seções: Introdução, Referencial Teórico, Metodologia, Resultados/Discussões e Considerações Finais. Através das referidas seções, procuramos descrever, através de uma abordagem qualitativa, o desenvolvimento da percepção Logoterapia ao longo dos anos e como esta influencia o campo da Psicologia nos dias de hoje.

2 MÉTODO

O percurso metodológico desta pesquisa qualitativa se caracteriza a partir de um estudo bibliográfico, desenvolvido com base em referenciais teóricos que discutem os fundamentos

filosóficos e antropológicos da Logoterapia e Análise existencial de Viktor Emil Frankl (1905-1997). Realizou-se o levantamento por meio de pesquisas e buscas nos livros dos principais autores que abordam a temática.

Sobre a pesquisa qualitativa, Minayo (2010) ressalta que durante a investigação científica o pesquisador consegue reconhecer as especificidades do objeto de estudo, possibilitando a revisão crítica das teorias, selecionando as mais relevantes, de modo que realize uma análise de forma contextualizada.

De acordo com Gil (2007) a pesquisa bibliográfica considera especificamente conteúdos já produzidos, como artigos científicos e livros, recorrendo à contribuição de diferentes autores acerca de determinado tema. Nessa perspectiva, buscou-se compreender a Logoterapia e seus processos, através da reflexão aprofundada e após buscas nas bases teóricas relacionadas ao tema. Conforme o autor, as principais fontes bibliográficas são:

Livros de diversos gêneros literários (romance, poesia, teatro etc); livros científicos ou técnicos, livros de referência informativa ou remissiva (dicionários, catálogos, anais etc); publicações periódicas (jornais e revistas); impressos diversos.” (GIL, 2007, p. 49)

Portanto, as fontes utilizadas para a elaboração desta pesquisa contribuíram para que o objeto de estudo fosse mais bem compreendido e descrito no presente artigo. Assim, percebeu-se que as diferentes estratégias de consulta bibliográfica possibilitaram uma maior aproximação com a temática aqui abordada. A análise dos dados aqui obtidos será viabilizada de forma crítico reflexiva, por meio de discussões teoricamente embasadas a respeito dos levantamentos realizados.

Nesse sentido, os artigos, livros e demais materiais forneceram subsídios para aprofundar as discussões aqui contidas, tendo em vista que a pesquisa bibliográfica possibilita ao pesquisador se apropriar de novas evidências embasado em informações científicas já produzidas.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Influências históricas do século XIX

O questionamento acerca de quem, de fato, é o ser humano, o que o torna diferente das outras espécies e qual razão de sua existência, é histórico. Várias correntes de pensamento,

durante muitos séculos, se preocupam e se empenham em desvendar essa questão. Assim sendo, foram surgindo as correntes epistemológicas e filosóficas em geral, visando encontrar essa resposta tão almejada de forma satisfatória (DITTRICH; OLIVEIRA, 2019).

Xausa (2013), embasada nas visões de Fizzotti (1977) e Herrera (1984), reflete sobre esses grandes marcos históricos culturais. Dessa forma, afirma que Fizzotti classifica os “grandes giros históricos” em três momentos: *o cósmico de Copérnico*, *o etno-antropológico de Darwin* e *o sociológico de Marx*. Ainda de acordo com a autora, corroborando com essa discussão, Herrera afirma que, em seguida, acontece o “giro psicanalítico de Freud”. Esses “giros” foram, sequencialmente, fatores que motivaram as mudanças sobre as visões a respeito do Cosmo e sua origem - a Terra já não seria tida como o centro de tudo, da ideia de que o Homem não surge dos seres inanimados, das estruturas histórico-sociais e a respeito das origens comportamental do Homem.

Em meados do século XIX, tornou-se costume acessar as inovadoras fórmulas científicas que, nessa época, estavam em evidência, deixando de lado as antigas consultas filosóficas. Surgem, assim, os chamados “*naturalismo e positivismo*”. Portanto, o que caracterizou a “nova filosofia” foi a presença do *mecanicismo* – que interpreta a realidade de acordo com as leis mecânicas - e o *subjetivismo* – que sustenta uma centralidade no “*sujeito humano*”. Mediante a visão dos princípios físicos como sendo absolutos, surge o absolutismo, e a partir da dedução lógica dos elementos materiais, nasce o *materialismo*.

Nessa dinâmica, emerge o empirioceticismo oriundo do *positivismo*. Este, por sua vez, influenciado pelo “*darwinismo*” em meados do séc. XIX, determinou, que a única realidade existente era física, ou seja, mensurável cientificamente, tomando conta de toda a visão científica da civilização dessa época. Nesse contexto, a partir da “ciência positiva”, surge a negação da “metafísica”. Nasce assim o “*agnosticismo religioso*” que considera a ciência como única portadora de conhecimento e sustenta o *imanentismo*. As “*perspectivas*” do “*positivismo*” são do tipo “*científica*”, que se liga também ao “*empirismo*”. São as inclinações naturalistas, que envolvem o “*biologismo*” e o “*fisiologismo*”, dentre outras. Há que se destacar que “*positivismo*”, considera “a experiência” como sendo “único critério de investigação da verdade”. Dessa forma, a Psicologia também sofreu com tais influências, tendo como característica uma tendência racionalista. Nesse sentido, foi de grande destaque o “*behaviorismo*”, de John Watson (1878-1959) e a “*reflexologia*”, de Ivan Pavlov (1849-1936),

além da Psicologia Freudiana, a “Psicanálise”, esta que ocupou lugar de destaque dentro da perspectiva empirista (XAUSA, 2013, p. 56-57).

3.2 Fundamentos Filosóficos-Científicos do século XX

Segundo Xausa (2013), o século XX se caracterizou pela oposição de ideias. Na primeira metade ocorre uma resposta reativa ao que se apresentou no século XIX. Acontece o que se chama de “atitude anti-positivista”. Nesse contexto, do mesmo modo em que, no século XIX, o positivismo, empirismo e materialismo estão estabelecidos, cuja centralização é a matéria e o resultado de experimentos científicos, no século XX, ao invés dos métodos racionais, se tem, o chamado, “irracionalismo”. Nesse momento, surge uma outra categoria de extremismo: o desprezo da razão! No entanto, com o decorrer do tempo, nascem, as novas correntes que fizeram emergir uma nova compreensão do homem sobre si mesmo e suas relações.

O surgimento da fenomenologia é um marco que promove um rompimento com o pensamento do século XIX e ao mesmo tempo surge como uma evolução no pensamento antirracional do séc. XX. Seu ápice se dá na teoria de Edmund Husserl (1859-1938), com a influência de Bretano. Suas contribuições são de extrema importância tanto para o campo filosófico quanto para o “da psicologia”. O foco da fenomenologia é a “essência pura”, ou seja, tem como objetivo ir até às essências, até “o conteúdo inteligível ideal dos fenômenos, captado numa visão imediata: a intuição essencial”. Sua posição é oposta à do “*pandeterminismo*” estabelecido no “século XIX”, e do ceticismo que mantinha um não reconhecimento “das essências”. No entanto, se diferenciou dos antecedentes por considerar a importância do saber. Ou seja, o conhecimento, não foi desprezado por Husserl, mas o filósofo deu ênfase ao fenômeno do presente, sem estabelecer pressupostos. A técnica fenomenológica se preocupa em estudar aquilo que aparece de imediato, no *aqui e agora*, ou seja, nada se pressupõe, o que se capta é a aparência (XAUSA, 2013, p. 65-69).

Husserl, compreendeu a dinâmica da consciência com a seguinte forma: aquilo que percebe de si é a “*percepção imanente*” e o que percebe em relação ao que está fora de si é a “*percepção transcendente*”. Seu método foi adotado na psicologia, inclusive por psiquiatras como Mikowisky, Strauss, Binswanger, Viktor Frankl e outros (XAUSA, 2013, p. 68-71).

Neste cenário, Nicolai Hartmann (1882-1950) começa seu caminho na filosofia como neokantiano e depois, através de sua visão crítica ao “idealismo alemão e ao neoplatonismo”, surge a *Ontologia*, que tinha como foco as questões consideradas ‘sem resposta’, perenes. Hartmann se empenhou por uma “recuperação da metafísica/ontologia”, como resposta a esse interesse que, nesta época, se mostrou necessário. O filósofo contou com a colaboração de diversos nomes, tais como “Scheler e Heidegger”, que como ele, foram contrários aos movimentos do *positivismo*, *psicologismo* e o *neokantiano* (NASSER, 2018, p. 71).

Segundo Abbagnano (1969, p. 1291), “Hartmann apresenta o princípio da sua filosofia como a síntese do espírito absoluto de Hegel, da vontade de Schopenhauer e do inconsciente de Schelling”. O teórico defendia a ideia de um “Absoluto espiritual inconsciente que se revela no homem e nos seres finitos com vontade”. Xausa (2013, p. 74) diz que Hartmann admite o conhecimento considerado “irracional”, diferencia a natureza orgânica da inorgânica, a orgânica da psíquica e a psíquica da espiritual, compreendendo que não se pode “explicar a vida orgânica” com fundamento em “forças mecânicas” e em causas, com a pretensão de compreender “a consciência”.

Em meio a esse caminho, surge o movimento personalista, firmado por meio de Bergson e de seu sucessor Max Scheler (1874-1928). A teoria de Max Scheler, publicada no fim do século XIX, continuada até meados do século XX, é muito considerada por vários autores, inclusive Heidegger. Scheller discorda do racionalismo e materialismo, por enxergar a pessoa humana como sendo dotada de emoção e espírito, e não somente razão. O filósofo alemão considerou a pessoa humana como prioridade em sua teoria. Cada indivíduo é único em seu valor. O espírito, para Scheler, é como o centro da pessoa humana, é portador de dimensões corporais, psíquicas e espiritual, sendo capaz de discernir suas possibilidades e escolher o bem de forma subjetiva, assim, se difere dos animais, pois, é capaz de ser aberto ao mundo e de considerar valores.

Araujo (2019) destaca que, diferente do cartesianismo, Scheler enxerga uma complementaridade dos “entes”, que agem de forma indivisível, na pessoa. O ser pessoa para Scheler é “a forma de existência do espírito”, o espírito é “centro ontológico de seus atos concretos”, por meio dos quais acontece sua manifestação. Scheler buscou mostrar uma noção unificada do homem.

Xausa (2013, p. 79) esclarece que o termo “Personalismo” surge oficialmente através de Emmanuel Mounier (1905-1950). Segundo Peixoto (2015), Mounier se preocupou em dar

ênfase na análise contra o “formalismo do rigor lógico”. O foco de Mounier era, portanto, a pessoa humana. Pode-se dizer que sua intenção foi realizar uma “reformulação” da epistemologia, que rompesse com a rigidez do pensamento racionalista. Severino (2018, p. 06) diz que Mounier vislumbrava um “novo renascimento”. “O absoluto e a “transcendência” são partes da estrutura individual. O ‘ser pessoa’ é, para Mounier, um “sair de si”.

Diante deste cenário, tem início um movimento de valorização da existência humana, o existentialismo. Seu foco está na pessoa que existe, ou na existência de *per si*. Segundo Xausa (2013, p. 82), Kierkegaard (1813-1855) é considerado o fundador do movimento existentialista, concebendo a existência da pessoa “como realidade inacabada e aberta”, ligada com o mundo e com as outras pessoas.

Martin Heidegger, foi um filósofo de essencial importância para o existentialismo, sua busca passa por fases. Visou a construção de uma “ontologia”, que parte de uma noção “do ser”, tentou alcançar “o sentido do (*Sinn*) ser”. Para Heidegger, a pergunta certa a ser feita não deve ser “o que é o homem”, mas “quem é o homem”. Concordando com Husserl, Hartmann e Scheler, Heidegger tem como fundamento de sua fenomenologia o fato de que “a existência é essencialmente transcendência, a transcendência é como superação”, é como “estar no mundo”, e esta é a própria liberdade (ABBAGNANO, 1969, p. 193).

Ludwing Binswanger, se fundamentou na fenomenologia de Husserl e no existentialismo de Heidegger. Foi médico, psiquiatra, psicólogo e filósofo, aprendiz e colaborador de Freud, Jung e Breuler, colocou em prática o conceito da “*Dasein*” (“estar no mundo”), na teoria da “*Daseinsanalyse*”, uma psicoterapia, que se diferencia por meio de um olhar ôntico. Segundo Feijoo *et al.* (2020), para Binswanger a existência humana é a abertura para o mundo e o amor é uma “especialidade infinita, sem fronteiras” onde se cria “o espaço” mútuo de liberdade. Para o filósofo, “o amor é o que permite a diferenciação dos seres intramundanos”. Assim, diferente de Heidegger, ele não via o amor fundamentado no “ser para a morte”. O autor destaca ainda, que Binswanger, compreendia o movimento de ir ao “encontro”, ou seja, o de relação, “no mundo”. Dessa maneira, a técnica da *Dasein* é voltada para o externo, “junto aos *entes*” que encontra “no mundo”. Não há como existir em total isolamento, a existência é movimento simultâneo.

Karl Theodor Jaspers (1883-1969) considerava a transcendência como aquilo que dá sentido ao ser humano. Jasper considera a questão “da situação limite como a realidade

que está inerente a todo fato”. Para ele, é necessário que se transcendia, pois, o fático não realiza, não traz saciedade (XAUSA, 2013, p. 86-87).

Gabriel Marcel (1889-1973) diferente dos costumes filosóficos, não considera a existência como um problema, mas como um mistério. Xausa (2013) explica que Marcel lutou contra uma filosofia funcionalista, que segundo ele, atrofia as características do ser. O filósofo tendeu a evidenciar a subjetividade buscando humanizar a tendência lógica de pensamento. Marcel se posicionou contra Heidegger e Sartre ao atribuir o significado de transcendência como exclusivo a Deus, abordando a questão da “plenitude da vida” e do “*taedium vitae*” que é o estado de aborrecimento e desgosto de viver que impede essa plenitude. Para ele, o ato de viver não deveria ser pautado no existir ou subsistir, mas numa atitude de doação.

Segundo Xausa (2013, p. 93) a visão do existencialismo surge em virtude das dificuldades da sociedade da época e se expressou “como uma abertura para o humano da existência, situado no aqui e agora”. Foi uma tentativa de reavaliação da interpretação da “existência”, como reposta a tais desafios. Nesse caminho, surge a *análise existencial*, tendo sido aplicada por vários teóricos renomados, dentre eles, “Medard Boss, Ludwig Binswanger e Viktor E. Frankl” e todos partilham – ao menos em partes – com a linha heideggeriana. O termo análise existencial, presente desde o século XX, foi usado por Viktor Frankl, substituído por *Existenzanalyse* e depois retomado. Desse modo, Frankl não a classificou como filosofia, mas como uma “psicoterapia”, uma forma de se posicionar.

3.3 Logoterapia e Análise Existencial

Viktor Emil Frankl (1905-1997), foi médico, psiquiatra e professor, natural de Viena, de origem judaica. Durante a Segunda Guerra Mundial esteve como prisioneiro nos campos de concentração nazistas de Theresienstadt, Auschwitz, Dachau (Kaufering III e Türkheim). Fundador da Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, chamada: Logoterapia e Análise Existencial. Por sua grande dedicação ao trabalho voltado para os problemas psicossociais da juventude da época, – considerando os elevados índices de suicídio juvenil, em Viena -, chamou a atenção de muitos teóricos renomados, como por exemplo, Schwartz, Rudolf Allers, Adler, inclusive, obtendo a oportunidade de se corresponder com o próprio Freud, que chegou a publicar seu trabalho na Revista Internacional de Psicanálise, em 1924.

Os resultados de seus esforços permitiram que as taxas de suicídio diminuíssem, atingindo patamares mínimos. Sua relação com Freud, fez com que se sentisse motivado a voltar

seus estudos para a Psicologia. Na mesma época, outros “Centros Jovens” foram fundados, nesse mesmo modelo, em vários países europeus como Alemanha, Hungria, Polônia e outros (XAUSA, 2013, p. 28).

Sua teoria foi posta em prática em meio a todas as dificuldades e flagelos que viveu no tempo em que esteve injustamente encarcerado. Tendo sido violentamente separado de sua esposa grávida, que foi posta em um outro campo de concentração, e mais tarde assassinada, chegou a um dos mais altos graus de sofrimento humano. Em virtude da sua formação acadêmica em Medicina, foi escalado para ser o médico prisioneiro do campo, atendendo e auxiliando os outros prisioneiros, que junto com ele sofriam nos campos nazistas. Assim, Frankl percebeu que *o sentido da vida*, a razão para permanecer vivo, estava na autotranscendência, ou seja, saindo de si, para o cuidado com o outro. Ao sobreviver ao encarceramento e torturas, conseguiu finalizar sua teoria, fundando então, a Logoterapia e a Análise Existencial e, mesmo estando ainda muito abalado com as perdas que sofrera, escreveu o principal livro de toda a sua obra: “Um psicólogo no campo de concentração” ou “O Homem em Busca de Sentido”, alcançando recordes de venda, com mais de nove milhões de exemplares vendidos somente nos Estados Unidos da América.

As suas bases filosóficas foram fortemente influenciadas pelas contribuições do século XX, da fenomenologia de Husserl, do personalismo de Mounier, do existencialismo de Heidegger, de Jasper, de Marcel, de Binswanger, pela ontologia de Hartmann, muito fortemente pela antropologia filosófica de Max Scheler e outros. Dessa maneira, Xausa (2013) afirma que seu nome ficou conhecido como importante divisor de águas para a psicologia existencial humanista, principalmente, em meio ao cenário na época em que se inseriu, o século XIX.

Imerso na realidade de sua época, Frankl se preocupou em explicar aquilo que ainda não havia sido posto em evidência. Durante seus estudos, se voltou para o fato de que, a visão organicista predominava. E foi em uma “aula de história natural”, ao ouvir a afirmação de que a vida “é um processo de combustão e oxidação”, que se comoveu e indagou qual seria então *o sentido da vida*. (FRANKL, 1969). Considerando assim, tais interpretações, como indignas de representarem a vida, Frankl, inicia, a partir daí um novo caminho intelectual de análise e discussão e crítica sobre os limites das teorias prevalecentes no séc. XIX, em especial, a psicanálise de Freud e a Psicologia individual de Adler.

No entanto, isso não significou para Frankl, uma falta de admiração ou respeito por Freud, nem tampouco, desconsiderou a importância de sua teoria. Ficaram bem guardadas

lembranças a respeito as cartas que trocaram e sua amizade com Anna Freud e todo o resto (XAUSA, 2013, p. 26). Da mesma forma, manteve a certeza da dignidade e contribuição de Adler e suas memórias de trabalhos em conjunto. Deixando bem claro o reconhecimento da importância dessas grandiosas contribuições, chegou a dizer, com as palavras de “Stekel”, que era “como um anão sobre os ombros de gigantes”. Assim com a contribuição de nomes importantes, Frankl decide construir sua teoria, permitindo, uma compreensão que ultrapasse, sem desmerecer a importância dessas visões (KROEFF, 2011).

Com bases nas teorias antropológicas de Max Scheler e na ontologia de Hartmann, valorizando a relação do “eu-tu de Marcel”, concordando com a noção do “sentido de Heidegger”, com as contribuições existenciais “de Jaspers”, Binswanger, das técnicas da fenomenologia, indo por um caminho que dê continuidade no que tange as questões da “transcendência” do ser humano, dando origem, pode-se dizer, a uma purificação da teoria humanista e, antes de tudo, da prática psicoterápica, a Logoterapia é, de acordo com Gordon Allport (1983), um “giro Copérnico” (XAUSA, 2013, p. 104).

Frankl classifica o homem como ser consciente e responsável, sua pessoa forma uma “unidade e totalidade”. O conceito de “ser psíquico” de Freud é reconhecido por Frankl, porém, assim como outros autores da análise existencial, Frankl não concorda com a questão do recalque e nem da transferência, compreendendo-a como “um veículo do encontro existencial”. Discorda também da concepção de sublimação, que para Frankl, “descarta o amor”, pois comprehende que o ser humano tem, de forma inata, a capacidade de amar, e a intimidade sexual é como uma intimidade existencial, pautada na relação genuína do “*Eu-Tu*” - fundamento da teoria de Martin Buber. Pode-se dizer que Frankl ultrapassa a visão do “*ter-que*”, da psique de Freud, trazendo a “nova categoria” do “*dever-se*”. Além desses, discorda de outros pontos da psicanálise, apesar de permanecer considerando-a como insubstituível (XAUSA, 2013, p. 109-111).

Dessa forma, Frankl também reagiu com relação à psicologia individual de Adler, cuja questão do “sentimento de inferioridade” era evidenciada. Adler considerava a necessidade de análise e identificação do “complexo de inferioridade”, compreendendo que a motivação do homem era “a vontade de poder” (PEREIRA, 2021, p. 213).

Diante desse cenário, Frankl criticou todas as vertentes que defendiam a ideia de que a realização humana se daria por meio da satisfação de todas as tensões físicas, ou seja, pela

homeostase, compreensão esta, aderida por várias linhas da psicologia, em especial a de Freud e Adler. A esse tipo de psicoterapia, Frankl, dá o nome de psicodinâmica.

A visão de Frankl sobre a *Daseinsanalyse* era antes de tudo por meio de uma grande admiração por Ludwig Binswanger, considerando-o como o “grande psiquiatra suíço”, compartilhou de muitos aspectos de sua teoria. No entanto, assim como precisou se posicionar com relação a algumas linhas existenciais e humanistas, que, em muito, foram fundamentais para a construção da Logoterapia, Frankl aponta alguns aspectos, com a intenção de ultrapassar sua compreensão. Com relação a isso, Frankl (1969, p. 19) destaca: “O encontro entre o *Eu* e o *Tu* não traz toda a verdade, não conta a história inteira”.

Apesar de Binswanger se posicionar, da mesma forma que Jarpers, se opondo ao conceito de transferência da psicanálise, considerando as enfermidades mentais como falta de amor, valorizando a necessidade das relações genuínas do *Eu-Tu*, desvendando no amor a “eternidade”, evidenciando o seu aspecto transcendente, acaba por se diferenciar de Frankl quando valoriza o encontro, acreditando num equilíbrio a partir do “*ser-para-mim e o ser-para-os-demais*”. A *Daseinsanalyse* enfatiza portanto a iluminação da existência na perspectiva do “sentido do ser”, enquanto para a análise existencial se tem “uma iluminação do sentido”. Aqui se pode comparar a *Daseinsanalyse*, com a psicologia individual de Adler, onde se tem a busca por um ideal de superioridade, de poder. (XAUSA, 2013, p. 115). Conversando com o próprio psiquiatra suíço a esse respeito, obteve uma resposta positiva:

Numa conversa pessoal, Binswanger chegou a me dizer que comparada com a ontoanálise – a logoterapia se mostrava mais ativa, e até mais, que a logoterapia poderia até prestar-se a um suplemento terapêutico à ontoanálise. (FRANKL, 1969, p. 19)

3.4 O Homem na visão de Frankl

Fundamentada, principalmente na teoria de Max Scheller, a visão da Logoterapia, concebe a pessoa humana como um “*in-dividuum*”, cuja estrutura não se subdivide, sendo, portanto, uma unidade e “também *in-summabile*”, ou seja, a ela, também, nada se acrescenta. Assim é “unidade”, é “totalidade”. Compreendendo a visão antropológica de Scheler e ontológica de Hartmann, Frankl cria a noção da *ontologia dimensional* do homem, concebendo-o como uma unidade dotada de três dimensões distintas que não se separam, mas se complementam: a biológica, a psicológica e a noética (espiritual). Dessa forma, para Frankl o homem é biopsicoespiritual (DITTRICH; OLIVEIRA, 2019). Além de sua capacidade

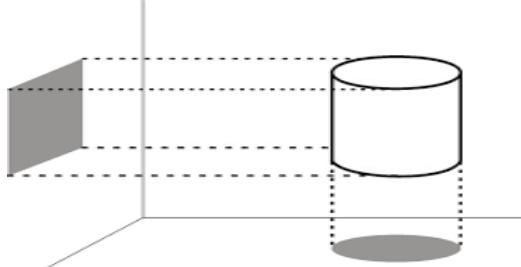
instintiva, por meio da dimensão noética, o homem pode autotranscender, ultrapassar os limites de si mesmo, e nessa dinâmica se realiza como ser.

Nesse sentido, sua compreensão concorda com a noção de homem de Tomás de Aquino, que classificou a pessoa humana como sendo “*unitas multiplex*”, o homem é descrito como uma “*imago hominis ordine geometrico demonstrata*”. Conforme Xausa (2013), para explicar essa noção, Frankl faz uso de analogias geométricas, transmitindo assim sua ideia da totalidade do homem. Dessa forma, Frankl recorre à Ontologia Dimensional para expressar a realidade como portadora de três dimensões.

Hartmann concebeu uma ordem hierárquica em sua estrutura, cuja dimensão superior é a noética, enquanto Scheler viu as dimensões compostas em forma de círculos, nos quais o espírito é o núcleo e as outras estão ao seu redor. Frankl concorda com Scheler nesse ponto e aplica a noção de unidade de princípio de Hartmann, criando assim, a ideia de unidade tridimensional do homem. Desse modo, declara que gostaria de definir o homem como unidade (XAUSA, 2013, p. 132).

A figura 1 demonstra como Frankl representou essa perspectiva através de figuras geométricas:

Figura 1 – Ontologia Dimensional.



Fonte: Cyrous (2013)

Por meio da projeção acima, pode-se perceber que, dependendo do ângulo de visão, seja no do espaço “tridimensional para o dimensional” ou no plano horizontal e de lado, aparecerá um tipo de projeção. Dependendo do ângulo, visualiza-se um círculo ou um retângulo, realizando a comparação com o ser humano, percebe-se que assim como “o campo biológico produz fenômenos somáticos”, mas só se enxerga “o orgânico”, o plano “psíquico produz estes fenômenos psíquicos”, e só “se vê o psiquismo”, devemos compreender as três dimensões humanas (XAUSA, 2013). Dessa forma, o ser humano, à luz da Logoterapia, é bio-psico-espiritual.

Ainda de acordo com a autora, por meio dessa compreensão, a teoria de Frankl, abarca questões como a liberdade e o significado de imortalidade, explicadas com relação à dimensão noética, pois para a Logoterapia, as patologias podem aparecer no biológico ou no psíquico, mas a dimensão noética não adoece. No entanto, ainda de acordo com a autora, Frankl faz uma distinção dos problemas psicofísicos e psicossomáticos e distingue também os problemas do “corpo e alma” dos da “alma e espírito”.

A Logoterapia, comprehende que o homem é *condicionado* em seus aspectos: biológico, psicológico e social, ou seja, nos aspectos factuais, ou condicionantes, mas é um ser *incondicionado* no que tange a sua liberdade. Assim, Frankl, reconhece a incondicionalidade do espírito e ultrapassa as compreensões de Hartmann e Scheler, tendo uma visão “unitária do ser humano” (XAUSA, 2013, p. 135). Diferente das teorias classificadas como *psicodinâmicas*, que focam seus interesses nas questões biológicas e no equilíbrio físico-corpóreo, Frankl é adepto à chamada *noodinâmica*, cuja compreensão é de que o homem se volta em busca do *sentido*.

Segundo Pereira (2021), a autotranscendência, é o movimento que põe em prática a vocação do ser humano como ser aberto para o mundo, para fora de si. Frankl se posiciona de forma opositora às visões que comprehendem a *psique*, existindo somente em função da homeostase. Sua tese é de que a busca humana é, antes de tudo, pelo *sentido*, o *logos*, e este é encontrado “no mundo” e “não no sujeito”: este deve descobrir esse sentido fora de si. Assim, não há fechamento psíquico para que se encontre o sentido. Na Logoterapia, esse movimento é constitutivo da existência do ser humano, pois, por meio dele, a vocação do homem é posta em prática.

3.5 Os Pilares da Logoterapia

Frankl (1969, p. 29) elege alguns pressupostos como “básicos” e “fundamentais” para a Logoterapia: “*a liberdade da vontade*”, “*a vontade de sentido*”, “*o sentido da vida*”. O “primeiro pilar” é estabelecido se contrapondo, em especial, ao que denomina de “*pandeterminismo*”, já que o termo “liberdade da vontade” não se refere a “um indeterminismo *a priori*”. “A liberdade da vontade” tem o significado de ser a verdadeira, por se realizar por meio de sua responsabilidade. Assim, o homem não é totalmente livre, pois tem “suas contingências”, mas, é “livre para tomar uma atitude diante de quaisquer que sejam as condições que sejam apresentadas a ele”.

Frankl entende que a autotranscendência se dá principalmente por meio da *vontade de sentido*, se contrapondo à concepção da *vontade de prazer* ou *de poder* das *psicodinâmicas*. Ele percebe a existência de um outro tipo de vontade, cujo grau de importância é essencialmente maior e que se não for realizado pode, verdadeiramente, causar uma patologia neurótica. Muito antes da realização dos instintos, o homem vive em busca do *sentido da vida* e sua realização ocorre por meio da prática dos valores. Dessa forma, o ser humano necessita realizar a vontade de sentido para que não caia no chamado *vazio existencial*.

Em sua época, muitos jovens estavam aderindo ao suicídio, o que levou Frankl a perceber que sofriam de uma angústia, que denominou de *vazio existencial*. Esse aspecto não foi considerado nem pela psicanálise, nem pela psicologia individual, nem por nenhuma outra vertente científica da época. Frankl percebeu, então, que essas teorias careciam da compreensão da existência de uma vontade interior que, caso não fosse realizada, provocaria tal angústia, oriunda da falta de sentido de vida. O *vazio existencial* acontece na dimensão noética. Diferente de uma patologia orgânica, é decorrente da angústia do espírito que não encontrou o sentido da vida.

Aquilo que conceituei como “vácuo existencial” constitui um desafio à psiquiatria e à psicologia atualmente. Cada vez mais pacientes se queixam de um sentimento de vazio e de falta de sentido, fenômeno que, sob meu ponto de vista, parece derivar de dois fatos. Ao contrário do animal, os instintos não dizem algum homem o que ele tem de fazer e ao contrário do homem das gerações atrás a tradição não lhe diz mais o que ele deveria fazer. Frequentemente, mal sabe mais o homem o que ele, basicamente, deseja fazer. Ao invés disso, acaba por, simplesmente, reproduzir o que as outras pessoas fazem (conformismo), ou fazer o que os outros querem que ele faça (totalitarismo). (FRANKL, 1969, p. 10)

A *vontade de sentido* necessita de resposta, caso contrário, essa se frustra e acontece, a chamada neurose noogênica, ou seja, a frustração surge oriunda da dimensão noética. Para Frankl, a verdadeira realização humana só acontece como um sintoma da realização da *vontade de sentido*, ou seja, essa busca por um sentido, ter uma meta é a realização da própria humanidade. A Logoterapia permite entender que o homem busca o essencial, o que não é fugaz, ou seja, o que não é passageiro de sentido. Portanto, mesmo em meio às lutas do *aqui e agora* pode-se encontrar forças para transcender em vista do *por-vir*.

O Dicionário de Logoterapia, de Guberman e Soto (2006, p. 81), define o sofrimento, como tendo a possibilidade de ser associado a um sentido. “O *sentido do sofrimento* constitui a missão mais alta e verdadeira do homem, tal como é confrontar-se com o que o destino lhe impõe”. Para a Logoterapia, o sofrer traz um sentido de crescimento, serve como alavanca para

a maturidade e gera a “liberdade interior”. É por meio do sofrimento que a “estrutura trágica da existência e da essência” é revelada.

A Logoterapia interpreta que o sofrimento, a culpa e a morte formam o que se chama de *Tríade de trágica*. A culpa, para a Logoterapia, é fruto das decisões que não realizam as possibilidades de sentido, sendo assim, necessária em determinado grau. Esta deve ser mudada em nova atitude. A morte tem um significado de ser o que dá sentido à vida, já que é neste momento que surge a indagação pelo verdadeiro sentido da vida, o *supra-sentido* ou *absoluto*. Segundo Guberman e Soto (2006), a morte significa colheita, ela é um “estímulo para a ação responsável”. Frankl (1969), afirma que só se é completo quando a vida acaba, então, na morte finalmente acontece a realização desse sentido que sempre se buscou.

A Logoterapia permite entender que a dor da morte não é o fim, e o sentido do amor é aquilo que se busca incansavelmente a ponto de ser necessário e preferível morrer para achá-lo. Este sentido é encontrado na saída de si para o mundo, esse estar no mundo é completado por esse movimento da autotranscendência. Assim como diz Binswanger, Frankl viu a morte com relação ao sentido da vida. O *Logos*, o *supra-sentido*, ou *sentido último*, é esse amor, o qual de acordo com Binswanger, é amor em potência e totalidade, que traz respostas para os anseios humanos.

Segundo Pereira (2013, p. 27-29) com relação à questão da temporalidade, Frankl se posiciona entre a noção de “fatalismo-da-eternidade” (onde não se muda “a realidade” que “já é”) presente na filosofia do “quietismo” e no “pessimismo-do-presente (concebe a realidade como mutável de forma caótica) da “filosofia existencial”. Assim, para a Logoterapia, “o futuro não ‘é’, mas ‘o passado é a pura realidade’”. O presente se encontra entre a instabilidade do futuro e a realidade eterna do passado. “Tudo é passageiro” até que se torne passado. Em vista disso, podemos escolher o que queremos que se torne eterno em nossas vidas, e que deixaremos, intocavelmente construído, no passado. Dessa forma, Frankl trata da noção de um legado, que independente da morte, ficará inscrito no passado do indivíduo, dando sentido para os momentos finais diante do sofrimento do ser, que é finito enquanto matéria, mas eterno enquanto ser noético, que transcende em vista do *sentido último*. O homem é cheio de possibilidades, portanto, com a busca pelo sentido, pode-se ressignificar as dores do passado. O tempo é instrumento de transformação.

4 A NECESSIDADE DE UMA NOVA PSICOTERAPIA

Na discussão teórica, aqui proposta, foi possível perceber que a Logoterapia de Viktor Frankl, surgiu como resposta em meio a grande necessidade de uma nova compreensão, não só com relação às questões individuais do homem, como também a sua própria situação social e relacional. Para o melhor domínio, embasamento e comprovação da veracidade de seus fundamentos, percebemos ter sido importante recordarmos o percurso histórico-filosófico que se deu entre os séculos XIX e XX. Foi possível, assim, reconhecermos o valor das contribuições do positivismo, já que, por meio dele, a Psicologia pôde se desenvolver mais especificamente como ciência, além de ter impulsionado a evolução de tantas áreas, tais como a tecnologia, a medicina, e tantas outras.

No entanto, com o levantamento bibliográfico aqui realizado, fica nítido o verdadeiro fechamento filosófico e científico que se deu com a limitação na exclusividade do uso dessas técnicas, diante da grandiosidade de riquezas que as ciências humanas comportam, como um todo. Nesse viés, foi possível concluir que a visão positivista, não é capaz de solucionar, nem fundamentar toda a “complexidade da existência humana” (DITTRICH; OLIVEIRA, 2019, p. 145).

Analizando o percurso histórico estudado, deve-se reconhecer, também, que na passagem do século XIX para o XX, houve outro tipo de exagero que posicionou o homem, numa perspectiva um tanto quanto utópica, colocado acima da realidade, já que nesse período se tira o foco do racional e se conduz a uma espécie de utopia filosófica.

Assim, de acordo com Xausa (2013, p. 64) se conclui que, a força oposta ao império do positivismo e idealismo, surgida no século XX, em seu período inicial, apesar de ter permitido uma abertura para uma nova forma de pensamento, causa um desequilíbrio gerador de um outro tipo de “unilateralidade”, por meio do irracionalismo. No entanto, com esse estudo, podemos dizer que as influências do pensamento positivista do século XIX, precisavam de um ‘corte’ que começou a acontecer nesse segundo momento, pois foi um caminho de aperfeiçoamento que se deu com o decorrer do tempo, principalmente com a fenomenologia de Husserl, que considera a importância de fenômeno sem descartar a necessidade da razão, e assim, com os outros tão importantes filósofos.

É muito importante recordar que a influência do mecanicismo do século XIX promoveu um olhar reducionista sobre o ser humano e suas relações com o mundo. Concordamos então com Xausa (2013, p. 63), quando afirma que a visão cética do positivismo, que imperava no

século XIX e que ainda prevaleceu no começo do XX, “[...] acaba por reduzir os fenômenos e as experiências espirituais ou transcendentais a meras crenças e superstições de caráter místico, excluindo-as de toda hipótese científica”, trazendo assim uma desintegração do ser humano.

Sob esse viés, Dittrich e Oliveira (2019, p. 146) nos levam a refletir sobre o fato de que a “psicologia, a antropologia, a teologia e a filosofia” sempre foram interligadas e se complementaram. Entretanto, a partir da separação de tais vertentes, houve uma fragmentação científica que se estende até os dias de hoje. Dessa forma, vale lembrar, que a proposta desse novo olhar não é a de que se tenha um confusionismo, que misture assuntos, sem a devida distinção de cada vertente, como se tivéssemos que retornar no tempo e não considerássemos as grandes contribuições das descobertas científicas.

Considerando que a psicologia moderna, surge em meio aos “laboratórios de Willian Wundt, no fim do século XIX”, imersa em meio a uma época cujo “ceticismo metodológico”, ou “Método Cartesiano”, imperava, com sua lógica de pensamento e especulações (DITTRICH E OLIVEIRA, 2019, p. 144), a psicanálise, ganha grande força e evidência. Assim, não queremos negar a importância de Sigmund Freud e de sua crucial contribuição, até mesmo porque a psicologia só foi elevada ao conceito de ciência com a primazia de sua colaboração, permitindo um entendimento sobre a existência das estimulações do “inconsciente”, das relações objetais e muito mais. Sob essa ótica, Xausa (2013) nos leva a refletir sobre a necessidade de recordar a corajosa posição diante da situação social de sua época, que superou, indiscutivelmente, a muitos paradigmas relacionados à sexualidade. Da mesma forma, precisamos relembrar, das grandes contribuições de Adler, e das outras teorias psicologistas.

Ainda de acordo com o raciocínio da autora, podemos perceber que em meio a essa nova visão humana do séc. XX, o homem realmente se encontrou perdido em meio aos diagnósticos e rótulos das psicopatologias e já não percebia a sua realidade, mas um reflexo embaçado e distorcido de uma parte de seu todo. Logo, é possível considerar que o surgimento da tendência existencialista e humanista foi de fato libertador para esse momento e que o posicionamento da “análise existencial”, em comunhão com o “método fenomenológico”, contra esse tipo de rotulação humana, foi a chave que abriu os cadeados da incompreensão do homem sobre si mesmo.

Nessa reflexão, sobre a noção psicodinâmica, de acordo com Ivo Stuard Pereira (2021, p. 85), podemos dizer que esta oferece uma racionalização do “agir humano”, ou seja, acontece

a desvalorização do comportamento, fazendo com que seja visto simplesmente como uma via, um mediador, em vista do restabelecimento da “homeostase do aparelho psíquico” do homem. Freud preconizou o fato de que a consciência humana se restringe numa espécie de maquinaria, que subsiste em função do subconsciente, com origem nos impulsos sexuais. Sua visão acerca da origem dos instintos humanos foi a de um mecanismo de estímulos, com a simples finalidade de eliminarem-se a si mesmos.

Frankl considerou tal mecanismo frustrante, pelo fato de ser vazio de significado. Assim sendo, pode-se entender esse desprendimento de energia, como uma espécie de mecanismo sem função. Nesse sentido, destacamos que a psicanálise acaba, podemos dizer, causando uma despersonalização humana, uma destruição do que é ser verdadeiramente pessoa, no que diz respeito ao que Frankl denomina de “totalidade”. (FRANKL, 1969, p. 47)

Concordando com a reflexão de Pereira (2021), a respeito das visões, que afirmam que sua fundamentação é simplesmente uma dedicação exclusiva na diminuição dos níveis de estresse, como no caso da “homeostase”, ou, numa busca obsessiva por um ideal de superioridade, como no caso da teoria da psicologia individual de Adler, percebemos que as teorias que se fundamentam nesses “princípios motivacionais”, ou seja, tendo o “princípio do prazer” de Freud e “vontade de poder” de Adler, como centro da estrutura humana, não são capazes de atingir a dignidade da “natureza” do homem.

A perspectiva *psicodinâmica*, utilizada pelo *psicologismo*, tem sua atenção voltada para a busca do prazer, e de acordo com Xausa (2013), esta foi a grande influência da psicogenética, que subestima o agir humano. Dentro dessa análise, podemos afirmar que, a *noodinâmica* ultrapassa a dinâmica psicologista que mantém suas atenções nas questões do inconsciente, voltando seu foco para o ser espiritual, à totalidade da pessoa humana, a autotranscendência.

Sobre o movimento da autotranscendência Pereira (2021) aponta que:

Cabe relembrar que, na medida em que o ser humano é concebido como um sistema fechado, o mundo passa a ser desconstruído (ou subjetivado) sob uma ótica de “desrealização” e de “desvalorização”, perdendo completamente seu relevo axiológico de exigências concretas. O princípio fundamental da logoterapia que buscamos explicar aqui se funda na compreensão de que a necessidade última do ser humano não consiste em obter prazer ou evitar a dor, mas, sim, em ver e realizar um sentido para a própria vida. (PEREIRA, 2021, p. 95)

Diante do exposto, podemos concluir que a Logoterapia, comprehende o prazer como uma espécie de combustível impulsor, porém, não há como ser ele o responsável por realizar os anseios humanos, sua função é incapaz de proporcionar a verdadeira plenitude, ou

seja, não concede sentido à vida, da mesma forma, que quando não se tem o prazer, não se perde o sentido da vida. A respeito do tema, Frankl (1969), em sua obra, “*Vontade de Sentido*”, afirma:

Em condições normais, o prazer nunca é a finalidade última da atividade humana, mas, sim – e deve continuar sendo –, um efeito, mais especificamente, um efeito colateral da consecução de uma meta. Realizar um objetivo constitui uma razão para ser feliz. Em outras palavras, se há uma razão para ser feliz, felicidade se apresenta automática e espontaneamente. Essa é a razão pela qual não se deve buscar a felicidade; esta não deve ser objeto de preocupação, na medida em que houver uma razão para ela. (FRANKL, 1969, p. 26)

Desse modo, podemos concluir que, o conceito da *vontade de sentido*, de Frankl, se mostra como a verdadeira vontade de ser feliz do ser humano. Reafirmando esta ideia, Pereira (2021) aponta que a meta do agir humano é um simples “meio” cujo fim é a própria satisfação e a posição da relação humana para com o mundo é subestimada, reduzida.

Nessa perspectiva, consideramos as reflexões de Libardi (2008, p. 125) e percebemos que a Logoterapia tendo como seus fundamentos: *a liberdade da vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida*, consegue responder às questões antes colocadas de lado sobre a complementaridade da dimensão dos instintos, com a psíquica e a noética, e que responde à necessidade de encontro do sentido. Permitindo perceber que a autotranscendência é o fator responsável por sustentar a vida, mesmo em meio às piores dores, até mesmo diante da morte.

Nesse contexto, pode-se dizer que, o Homem aberto ao mundo, por meio da autotranscendência, pode comunicar, se relacionar, vencer a barreira do isolamento, assim, se realizar “*sendo-eu no ser-tu e no nós*”. (XAUSA, 2013, p. 147-148).

Outra importante conclusão que a Logoterapia nos traz é de que a pessoa não se dirige apenas para algo material, como um simples fazer, ou uma busca por possuir, mas para o outro ser, o amado. Assim como também para o aspecto comunitário e para o seu fim último ou a forma individual de interpretação do divino. Dessa maneira, concluímos que a Logoterapia considera o ser humano como um ser relacional. Podemos perceber, então, que Frankl se posiciona em oposição à psicologia individualista, quando partilha das ideias de doação de si Mounier e de que o ser é o próprio amar. A Logoterapia se compromete com o aspecto comunitário, a partir do momento que visa uma relação do indivíduo com os outros e vice-versa. Só se é plenamente indivíduo quando há relação com os outros.

Podemos dizer, a partir de tudo isso, que, para a Logoterapia, o ser humano vive em busca de um *sentido* para a vida que, a cada momento, lhe impulsiona ao futuro, logo, o presente não lhe é suficiente. Portanto, compreendemos que para a Logoterapia, o passado estabelecido

já não é mudado, mas pode ser ressignificado e o futuro que ainda está por vir é vislumbrado. Por meio da liberdade, o ser humano pode agir. Fazendo uso da responsabilidade pode escolher a melhor das possibilidades e, desta forma, a realização interior se concretiza. Por tanto, é possível percebermos que, esse movimento permite que se suporte até os sofrimentos do presente, pois, *o sentido último* que se busca, os ultrapassa, demonstrando, valer a pena até mesmo morrer em vista desse.

Sob essa análise, interpretamos que o ser humano feliz é capaz de suportar as frustrações. Compreendemos que, ao dar sentido ao sofrimento, a Logoterapia possibilita ao sujeito lidar com os momentos mais difíceis, até com a morte, por meio de uma perspectiva de esperança. De acordo com as reflexões apresentadas neste estudo, Marcel e Frankl confirmam a importância de um homem que possui esperança. Xausa (2013) esclarece que para Frankl, não é “o fático”, que satisfaz a vida, é necessário que se transcendia até o “absoluto”.

A respeito dos aspectos que dizem respeito a religião, Frankl (1969) ressaltou que,

Muitos autores no campo da logoterapia têm apontado a afinidade desta com a religião. Mas nossa escola não constitui uma psicoterapia protestante, católica ou judia. Uma psicoterapia religiosa, no sentido mesmo da palavra, seria inconcebível, por conta da diferença essencial entre psicoterapia e religião, que é, na verdade, uma diferença dimensional. (FRANKL, 1969, p. 192)

Desse modo, Frankl (1969) evidencia que a Logoterapia precisa estar acessível aos diferentes perfis de pacientes e que, confundir tais perspectivas, é um fato equivocado. No entanto, sabemos que não se pode desconsiderar os aspectos subjetivos de cada indivíduo, nem haver um movimento que o desconecte de sua fé. Concordamos que seria um engano induzir tais manobras, com, seja qual for a intenção de tratamento, tendo em vista que tal atitude não poderia ser considerada direcionamento para a cura, mas uma espécie de violência.

Com base nas reflexões aqui contidas, é possível dizer que o *sentido último*, é o próprio amor, tendo em vista que o noético permanece indecomponível, por não se sujeitar ao que se abala em meio às tribulações do tempo, mas permanecendo dentro, intocável, em forma de paz profunda e inabalável.

Portanto, apesar observarmos que a visão reducionista e insatisfatória ainda tem sido dominante no campo da Psicologia, temos o conforto de perceber que na Logoterapia encontramos a respostas para tais lacunas até então deixadas em desvalor e assim hoje, se pode ter uma certeza de que há uma abordagem que enxerga o homem dentro das devidas perspectivas, que lhe são cabíveis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo ofereceu um panorama acerca dos fundamentos filosóficos e antropológicos da Logoterapia e Análise Existencial. Nessa perspectiva, esta pesquisa buscou demonstrar, inicialmente, por meio do percurso histórico filosófico narrado que o *pandeterminismo*, ou seja, que a forma determinista de ver o ser humano é um erro que precisa ainda ser apontada e combatida, mesmo que tardivamente. No entanto, fica evidente que não devemos cair num ceticismo irracional.

Por meio do levantamento bibliográfico, foi possível perceber que, em cada etapa, aconteceu uma evolução, permitindo o surgimento dos fundamentos que antecederam da teoria de Frankl. Assim, concluímos que com exagero cético-científico que predominou no século XIX, surge o movimento contrário, nascido por conta das revoltas sociais da época, que tendeu a um outro tipo de extremismo: o desprezo da razão, o irracionalismo. No entanto, é possível perceber que, esse momento, foi como um impulso necessário para a abertura de uma nova visão do homem e de suas relações. Dessa forma, constata-se a importância de cada etapa. A fenomenologia busca a essência sem se aprisionar num conceito pré-estabelecido.

Assim, pode-se entender a importância do surgimento da fenomenologia. Sua tentativa foi a de sanar essa separação dualista de Descartes, entre sujeito e objeto. O ser que pensa não é diferente do ser que sente e anseia. No entanto, Husserl, não despreza o saber, nem a consciência, o que acontece é uma perspectiva relacional do objeto com o mundo. A intuição traz o significado, já não se determina e assim se chega ao essencial, mas não se tem a pretensão de descartar o conhecimento. O método fenomenológico traz a possibilidade de não se cair no erro do irracionalismo radical.

Nesse percurso, foi possível compreender a necessidade do renascimento da ontologia de Hartmann, que insiste em resgatar a noção das dimensões do espiritual e orgânica, e do existencialismo de Heidegger, que permite o entendimento desse *ente* que existe por meio da transcendência de si para fora de si. Dessa forma, ao apresentar essa noção necessária, permite a compreensão mais integral do homem e do mundo sem que haja uma visão separatista do todo. As perspectivas relacionais da noção do amor e eternidade de Biswanger, o personalismo de Mounier e, principalmente, em Scheler, deixando bem claro a totalidade da pessoa e a sua potência espiritual como o seu centro, sendo a chave para a teoria de Frankl - assim como Marcel, Jasper, todos os filósofos, além dos não aqui mencionados, que antecedem à

Logoterapia - tiveram significativa parcela de contribuição na constituição da teoria em questão e da Análise Existencial.

Podemos, inclusive, nos referir desta maneira também, aos que se posicionaram de forma divergente ao que Frankl compreendeu, já que, foi a partir da compreensão das *psicodinâmicas* que surgiu a *noodinâmica* e tudo o que a permite, discorrer, concordar e criticar. Percebemos que a Logoterapia é uma linha completa que olha para o homem em sua totalidade e se preocupa com suas relações, compreendendo que é por meio da relação genuína do EU-TU que se tem a realização do sentido de ser homem autotranscendente, em vista da plenitude do seu ser.

Por fim, quanto aos aspectos psicoterápicos pode-se dizer, especificamente, que só ela trabalha com a questão da neurose noogênica, já que é a única que se empenha em ter um olhar cuidadoso e terapêutico para a dimensão noética, mas também possui uma aplicação mais ampla, pois é aberta para o que as outras abordagens já trabalham, tendo em vista que não desconsidera suas contribuições. A Logoterapia se mostra aberta pois reconhece seus limites, dando possibilidades para que sejam usadas técnicas de todas as espécies, desde que estejam de acordo com encontro do sentido do paciente.

Foi imprescindível lembrar a diferenciação feita pelo próprio Frankl, entre a psicoterapia que nasce do espírito e abraça o todo do homem, de uma noção errada de que a teoria se trata de uma crença ou prática de religiosidade. No entanto, a Logoterapia, toma o devido cuidado de não se dignar a separar violentamente os princípios de fé de um indivíduo ou os aspectos de uma religião, seja ela qual for, dentro do trabalho terapêutico. Pois, para Frankl, não se pode ensinar, nem se impor a religião, mas também, não se pode colocar de lado, separar ou excluir tão importantes aspectos. Seria uma violência desprezar as experiências de fé trazidas pelos pacientes para o momento do tratamento. Como não dar valor a tão preciosos relatos, ao invés de considerarmos que são como chaves que abrem as portas para o encontro do sentido da vida de um homem, muitas vezes, presos nas escuridões do ‘seu eu’, sozinhos e vazios de significado?

Espera-se que os resultados deste estudo contribuam para uma boa contemplação da teoria, porém não temos a pretensão de esgotar o tema, mas ampliar as discussões e contribuir para a realização de futuras pesquisas na área. Diante de tudo o que vimos, percebendo que inúmeros são os tesouros deixados pela Logoterapia, precisamos ressaltar que aqui não caberia a tentativa audaciosa de a todos retratar. Dessa maneira, considerando a grandiosidade de suas

contribuições, o que se pretendeu foi promover uma reflexão para aspectos tão essenciais e assim, contemplar seus frutos, expressando uma gratidão eterna ao nosso querido pai, Viktor E. Frankl.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **História da Filosofia**. 2^a Edição, 1969. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/28799443/Historia-da-Filosofia-Nicola-Abbagnano>. Acesso em: 09 jun. 2022.
- ARAUJO, Helena Bastos Silveira de. **O Homem em Scheler**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia) - Faculdade Paulus de Comunicação e Tecnologia, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.fapcom.edu.br/wp-content/uploads/2019/12/IC-O-Homem-em-Scheler -Helena-Bastos 15.10.pdf>. Acesso em: 25 maio 2022.
- BAREA, Rudimar. **O Tema da empatia em Edith Stein**. 2016. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-graduação em Filosofia) - Área de concentração em Filosofia Teórica e Prática, Universidade Federal de Santa Maria, Porto Alegre: Editora Fi, 2016. Disponível em: https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_B. Acesso em: 14 abr. 2022.
- CYROUS, Sam. Transformação social: o papel que a logoterapia tem nesse processo. **Logos & Existência Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e análise existencial**. Vol. 2; n 2, p. 125-134, 2013. Disponível em: http://www.fabiolimeira.pro.br/uploads/1/6/7/8/16781692/ontologia_dimensional.pdf. Acesso em: 28 maio 2022.
- DITTRICH, Larissa Fernanda; OLIVEIRA, Marcelo Felipe Leite. Dimensão Noética: As contribuições da Logoterapia para a compreensão do ser humano. **Revista Brasileira de Tecnologias Sociais**, Itajaí, v. 06, n. 02, p. 143-160, 2019. DOI: 10.14210/RBTS. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rbts/article/view/15266>. Acesso em: 09 jun. 2022.
- FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de; ACCETTA, Marcello Furst de Freitas; PROTASIO, Myriam Moreira; et al. Uma Análise Crítica Sobre Amor e Cuidado em Binswanger e Heidegger. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 20, n. 4, p. 1170–1190, 2020.
- FRANKL, Viktor Emil. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia**. 1969. Tradução de Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2021. (Coleção Logoterapia)
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.
- GUBERMAN, Marta; SOTO, Eugênio Pérez. **Dicionário de Logoterapia**. Lisboa: Paulus. 2006.

HOLANDA, Adriano Furtado; AMARANTE, Vânia Helena. O Paradoxo do sentido: da unidade do real para a tensão liberdade-responsabilidade na logoterapia. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, [S.I.], v. 2, n. 1, p. 9-26, dez. 2013. ISSN 2447-1798. Disponível em: <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/21/21>. Acesso em: 10 jun. 2022.

KROEFF, Paulo. Logoterapia: uma visão da psicoterapia. **Rev. Abordagem Gestalt**. Goiânia, v. 17, n. 1, p. 68-74, jun. 2011.

LIBARDI, Tadeu Antônio. Dimensão da maturidade à luz da logoterapia. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 38, n.159, p. 122-137, jan./abr. 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/teo/article/viewFile/4031/3079>. Acesso em: 15 abr. 2022.

MOREIRA, Neir; HOLANDA, Adriano. **Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa**. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil. Psico-USF, v. 15, n. 3, p. 345-356, set./dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/HxrrqnNtNcfvGT5xQwbmNTf/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 01 abr. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NASSER, Eduardo. **Sobre o caráter ontológico da ciência: possíveis contribuições de Nicolai Hartmann para um problema do realismo especulativo**. (Cadernos de Filosofia Alemã). Universidade Federal do ABC, São Paulo, 2018.

PEIXOTO, Adão José. A fenomenologia existencial e a perspectiva histórica no personalismo de Emmanuel Mounier. **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea**, [S. I.], v. 3, n. 2, p. 113–122, 2016. DOI: 10.26512/rfmc.v3i2.12516. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/fmc/article/view/12516>. Acesso em: 10 jun. 2022.

PEREIRA, Ivo Studart. **Tratado de logoterapia e Annálise Existencial**: Filosofia e sentido da obra na vida de Viktor Emil Frankl. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2021.

PEREIRA, Ivo Studart. **A ética do sentido da vida**: Fundamentos Filosóficos da Logoterapia. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2013.

SANTOS, David Moises Barreto dos. Educação para sentido na vida e valores: percepção de universitários a partir do livro “Em busca de sentido”, de Viktor Frankl. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos [online]**. 2019, v. 100, n. 254, p. 230-252. Disponível em: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.100i254.3911>. Acesso em 10 jun. 2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Da Formação humana no mundo contemporâneo: contribuições do personalismo de Emmanuel Mounier. **Revista Dialogando**, Quixadá, v. 3, p. 01-14, jun. 2018. Disponível em: <https://xdocs.com.br/doc/1-da-formacao-humana-no-mundo-contemporaneo-contribuicoes-do-personalismo-de-emmanuel-mounier-p1-14-4ol22vy4x7nm>. Acesso em: 20 maio 2022.

SILVA, Paulo César Gondim da. **A fenomenologia sob a rubrica do pensador alemão Edmundo Husserl.** Disponível em: <https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/filosofia/a-fenomenologia-husserl-uma-breve-leitura.htm>. Acesso em: 02 maio 2022.

VIEIRA, Grazielli Padilha; DIAS, Ana Cristina Garcia. Sentido de vida: compreendendo este desafiador campo de estudo. **Psicologia USP** [online]. 2021, v. 32, p. 01-09. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200149>. Acesso em: 11 jun. 2022.

XAUSA, Izar Aparecida de Moraes. **A Psicologia do Sentido da Vida.** 2.ed. Campinas, SP: CEDET, 2013.